

Eventos esportivos como prática de Sportswashing: as repercussões do “jogo da paz” entre Haiti e Brasil em 2004¹

Renan Spindler²

Guibson Dantas³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Nesse início de século, a crise política no Haiti foi aprofundada com o golpe de Estado que forçou a renúncia e o exílio do presidente eleito, Jean-Bertrand Aristide, em fevereiro de 2004. Um governo provisório assumiu o controle com o apoio da Organização das Nações Unidas. Entretanto, antes do início da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti – MINUSTAH, sob a responsabilidade do exército brasileiro, o governo federal, com o apoio da Confederação Brasileira de Futebol, organizou um jogo de futebol entre as seleções de futebol do Brasil e do Haiti em Porto Príncipe. Este texto discute as repercussões e como o governo brasileiro utilizou a seleção brasileira masculina de futebol como prática de sportswashing no amistoso contra o Haiti, em 2004, às vésperas do Brasil liderar a referida missão.

PALAVRAS-CHAVE: Seleção Brasileira de Futebol, Sportswashing, Haiti, Relações Públicas Internacionais, Soft Power.

Introdução

Os esportes sempre estiveram presentes em nossa história, assim como os grandes eventos esportivos, com exemplos até na antiguidade clássica grega, período no qual foram criadas as olimpíadas. Esses tipos de acontecimentos têm impacto para as sociedades que os cercam e geram consequências de variadas formas nos atores envolvidos. Dada a visibilidade e projeção que esse tipo de megaevento proporciona, eles muitas vezes são utilizados como ferramenta política pelas nações.

Ao se dar conta da visibilidade gerada pelos eventos esportivos e mais especificamente pelo futebol, muitos países passam a utilizá-los como uma forma de amenizar conflitos externos e internos dentro do sistema internacional (DANTAS, 2023),

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Relações Internacionais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Bacharel em Relações Públicas pela UFRGS, email: spindlerrenan@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidad de Málaga, email: guibsondantas@outlook.com

bem como uma maneira de manipular a opinião pública global sobre determinados aspectos controversos que prejudicam suas relações internacionais.

Em 2004, quando ostentava o título de campeã mundial, a seleção brasileira fez um de seus amistosos mais marcantes, que ficou conhecido popularmente como “Jogo da Paz” no Haiti. A partida teve como pano de fundo um Haiti em grave crise, com diversas revoltas populares, após um golpe de estado. Na ocasião, o país se preparava para receber as tropas brasileiras, que foram incumbidas de liderar a Missão de Paz das Nações Unidas pela Estabilização do Haiti, também conhecida como MINUSTAH. Em um contexto de revolta armada, o governo brasileiro decidiu acionar um de seus instrumentos mais poderosos de soft power (DANTAS, 2023b) para estabelecer uma estratégia diplomática: fazer uso da seleção brasileira masculina de futebol para realizar um jogo amistoso no Haiti.

As repercussões do jogo

Quando o governo brasileiro, liderado por Luís Inácio Lula da Silva, traçou sua estratégia e seus objetivos para a política externa do país, ficou claro que a ampliação das relações exteriores e a busca pelo protagonismo diplomático estavam no centro desse plano. A obtenção de um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU seria a coroação de um processo de inserção do Brasil no núcleo do cenário global, permitindo que o país tivesse uma influência única que diminuiria a lacuna de poder entre o país latino-americano e as outras grandes potências já consolidadas no sistema internacional.

A tática do ministério das Relações Exteriores, sob comando do diplomata Celso Amorim, foi a de aproximação com as potências que já possuíam o assento desejado e, principalmente, com a própria Organização das Nações Unidas. Vale ressaltar que a tradicional diplomacia brasileira foi fundamental para a história da ONU, que teve Osvaldo Aranha como presidente da II Assembleia Geral da história do órgão, e tem o privilégio de fazer a abertura de todas as Assembleias desde então.

Durante essa nova aproximação, o governo entendeu que seria essencial para o bom desenvolvimento dessa candidatura, uma participação mais ativa não só dentro da organização, mas também em suas missões militares.

A grave crise haitiana surgiu como uma oportunidade única para o Brasil pôr em prática seu plano e mostrar de vez que é um país apto a ocupar o tão almejado assento permanente. Como visto anteriormente, a população do Haiti já possuía, por causa do futebol e da ancestralidade negra, uma forte identificação com a cultura e com o povo brasileiro. A simpatia, admiração e até idolatria dos haitianos em relação aos brasileiros era evidente e, por isso, a perspectiva de sucesso numa potencial missão de paz no local era grande, uma vez que os soldados sul-americanos não teriam que enfrentar logo de início uma resistência tão dura da população local.

Com isso em vista, o governo brasileiro decidiu tomar a frente e liderar a chamada MINUSTAH e utilizar todas as armas à sua disposição para obter o sucesso necessário para atingir seu objetivo final.

Logo após a chegada das tropas brasileiras no Haiti, os soldados tiveram sua primeira prova da veneração existente no país em relação à seleção Canarinho. No 61 dia 25 de julho de 2004, ocorreu a final da Copa América de Futebol entre Brasil e Argentina, na qual os verdes e amarelos saíram campeões. Na ocasião, a população haitiana tomou as ruas em comemoração ao título brasileiro como se fosse seu, em uma festa que só poderia ser vista nas mesmas proporções em algumas cidades no território brasileiro.

A realização do “Jogo da Paz” foi, acima de tudo, “uma peça de marketing incrível para aquilo que o governo queria e não obteve sucesso, que era o assento permanente no Conselho de Segurança da ONU” (SOBRÉ, 2006) conforme afirma Caíto Ortiz, diretor do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui” em entrevista ao jornal da USP. Apesar de não conquistar seu propósito maior, o evento produziu resultados extremamente positivos para o contexto prático da MINUSTAH.

Após o final da partida, o sentimento de euforia e êxtase era visível em toda a população que participou ativamente da festa. Os atletas e a comissão técnica brasileira demonstraram em suas entrevistas como o momento foi único e inesquecível para todos os envolvidos, como afirmou o lateral Roberto Carlos ao portal UOL: “Vou guardar essas imagens na memória”. Enquanto Zagallo e Ronaldinho exaltavam a festa dizendo, respectivamente, “Parecia que estávamos voltando do hexacampeonato. Que a luz daqui nos ilumine para o sexto título.”, “Foi uma festa muito grande. Foi como a volta do pentacampeonato” (BERTOLOTTO, 2004).

A imprensa brasileira, na ocasião, destacou que a vitória do Brasil ocorreu dentro e, principalmente, fora de campo. A ausência de protestos e a festa realizada pela torcida caribenha foram mais do que suficientes para que se entendesse que o “Jogo da Paz” cumpriu o seu papel, isto é, de sportswashing, um instrumento utilizado para ressignificar ações cometidas anteriormente ou que ainda serão executadas pelos atores em questão, que tiveram resultados prejudiciais para imagem dos mesmos frente à comunidade envolvida e a opinião pública internacional (MAIA, 2023)

Os jornalistas que foram destacados para a cobertura da partida histórica chegaram e foram embora junto com a seleção Canarinho, o que contribuiu para que as matérias fossem positivas sobre o evento. Assim, o caráter de sportswashing do acontecimento não passou despercebido, como relatou o jornalista Rodrigo Bertolotto (2004) ao portal UOL, referindo-se ao presidente da CBF, Ricardo Teixeira:

As tropas brasileiras no Haiti se beneficiaram com o evento ao explorar a popularidade da seleção. Um exemplo disso foi a Taça Fifa, ganha no pentacampeonato, que desfilou nas mãos de um soldado pelas ruas de Porto Príncipe. Até os patrocinadores da CBF e TV Globo pegaram carona no "marketing da paz", com placas alusivas no estádio. Tanta propaganda serviu para melhorar a imagem da CBF e do governo para os brasileiros e para a comunidade internacional.

Considerações Finais

Através da investigação, entendeu-se que a realização do amistoso que ficou conhecido como “Jogo da Paz” em 2004, na cidade de Porto Príncipe, entre Brasil e Haiti, foi planejada e executada para amenizar a hostilidade da população local em relação às tropas brasileiras a serviço da ONU que iriam liderar a Missão de Paz das Nações Unidas pela Estabilização do Haiti. Ademais, o evento também foi planejado para melhorar a imagem do Brasil diante da comunidade internacional. Dessa forma, ambos propósitos configuram a partida entre Brasil e Haiti numa prática de sportswashing.

O governo brasileiro, tendo em vista um antigo desejo de ser protagonista no cenário internacional, enxergou na crise humanitária e política do Haiti uma oportunidade de se posicionar como um ator ativo e influente na ONU através da MINUSTAH.

REFERÊNCIAS

BERTOLOTTO, Rodrigo. **Brasil não 'dá bola' para Lula e goleia Haiti por 6 a 0**. UOL, 18, ago. 2004. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2004/08/18/ult59u86739.htm>. Acesso em: 23, dez. 2023.

DANTAS, Guibson. **Relações Públicas Internacionais: quatro passos para uma reorientação da subárea**. In: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2023, Campo Grande. Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. São Paulo: Intercom, 2023.

DANTAS, Guibson. **Soft Power: tipologia de poder e Relações Públicas Internacionais**. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte, 2023, Boa Vista. Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte. São Paulo: Intercom, 2023b.

MAIA, M. F. (ED.). **Sportswashing: O Esporte no meio das relações internacionais**. [s.l.] Revista Pet Economia UFES. v. 3 n. 2 (2023): Brasil em (Des)Construção, p. 9-100, 2023.

O DIA em que o brasil esteve aqui. Direção: Caíto Ortiz, João Dornelas. Brasil. Prodigio Films, 2005. DVD.

SOBRÉ, Luiza. **O “Jogo da Paz”**. Jornal da USP, São Paulo, 02, mai. 2006. Disponível em: <https://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp761/cinema.htm>. Acesso em: 15, nov. 2023.